
Em torno de *O judeu e O olho de vidro*: literatura e história

*Around O judeu and O olho de vidro:
Literature and History*

Paulo Motta Oliveira

Universidade de São Paulo/CNPq

DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2025.n53a1331>

RESUMO

Neste texto, começamos por refletir sobre o surgimento na produção camiliana de romances históricos, forma pouco habitual em suas narrativas antes 1865. Analisamos, em seguida, algumas características de suas ficções históricas. Por fim, centramos a reflexão principalmente em dois livros, *O judeu e O olho de vidro*, em que a Inquisição possui um papel importante.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura e História; Romance histórico; Camilo Castelo Branco.

ABSTRACT

In this text we begin by reflecting on the emergence of historical novels in Camillian's production, a form unusual before 1865. We then analyze some characteristics of his historical narratives. Finally, we focus our reflection mainly on two books, *O judeu and O olho de vidro*, in which the Inquisition plays an important role.

KEYWORDS: Literature and History; Historical novel; Camilo Castelo Branco.

Duas igrejas, num saudoso largo,
Lançam a nódoa negra e fúnebre do clero:
Nelas esfumo um ermo inquisidor severo
Assim que pela História eu me aventuro e alargo

(Verde, 1993, p. 92).

UM PERCURSO

Camilo Castelo Branco se transformou, em meados da década de 60 do século XIX, no principal escritor de romances contemporâneos em Portugal, ou seja, de obras com enredos que se passavam entre o período da Revolução Francesa e a década de 50 ou 60 do século XIX. A sua produção, mesmo que nos restrinjamos apenas a suas narrativas ficcionais, é impressionante, quase 30 livros publicados entre 1858 e 1864. É verdade, a trama de seu primeiro romance importante¹, *Anátoma*, não se situa dentro destas balizas temporais, já que a história narrada aborda principalmente os séculos XVII e XVIII. No período que vai de 1865 a 1867, veremos o romance histórico se configurar como uma outra forma importante da narrativa camiliana. Neste período, publicou *A sereia* (1986b), *A luta de gigantes* (1990), *O judeu* (1986c), *O olho de vidro* (1986d), *O santo da montanha* (1986e) e *O Senhor do Paço de Ninães* (1987). O último romance citado possui um enredo que transcorre no fim do século XVI e no início do XVII; o primeiro no século XVIII; e a trama de todos os demais ocorre nos séculos XVII e XVIII. Abordaremos, neste texto, principalmente *O Judeu* (1986c) e *O olho de vidro* (1986d), romances em que a Inquisição possui um papel muito relevante.

¹ Três anos antes da edição deste romance, Camilo publicara, sob o anonimato, *Maria não me mates, que sou tua mãe*. Importante ressaltar que somente tempos depois Camilo revelou ser o autor desta obra, elaborada em formato semelhante a um folheto de cordel.

UM PEQUENO DESVIO

Antes, porém, de tratarmos deste tema, é importante assinalar que, em *O olho de vidro* (1986d), temos a presença de um tema que, no conjunto da obra camiliana, só nele aparece de forma explícita e consumada: o incesto entre dois irmãos². Maria de Fátima Marinho (1994) nota, em “A atracção do abismo”, que o mesmo tema também aparece em *A enjeitada* (1986a), publicado, como *O olho de vidro*, em 1866. Mas, como indica a crítica, no primeiro livro citado, o incesto não chega a se consumir. A protagonista, Flávia, não sabe que Ernesto, por quem está apaixonada e que também a ama, é seu meio-irmão. Ela também não entende o motivo pelo qual se recusa a se casar com ele. Só após a morte deste é que descobre que ela também é filha do pai de Ernesto.

Fátima Marinho (1994) qualifica esta incapacidade de aceitar o possível casamento com seu meio-irmão como a *voz do sangue*. Devemos notar que uma *voz do sangue* semelhante impediu um incesto não entre dois irmãos, mas entre uma mãe e seu filho, num livro hoje praticamente esquecido, *O filho do pescador* (1977), de Teixeira de Sousa, talvez o primeiro romance brasileiro³. Laura, casada com Augusto, o *filho do pescador* referido no título, apaixona-se por um caçador, Emiliano. Ela não sabe por que não consegue consumir a sua paixão, mas descobrirá, depois, que ele é seu filho (cf. Sousa,

² Este tema está presente pelo menos em dois outros romances portugueses do século XIX. O mais conhecido é, sem dúvida, *Os maias* (Queirós, 1997). Podemos, além dele, citar *Os mistérios de Lisboa*, de Alfredo Hogan (1851-1852), em que dois irmãos gêmeos, Maria e João de Sá, separados na infância, têm uma relação sexual antes de saberem de seu laço familiar. A comparação entre estas duas obras e *O olho de vidro* (1986d) necessitaria de uma pesquisa que escapa aos objetivos que aqui temos.

³ Sobre a discussão de ser este, de fato, o primeiro romance brasileiro, conferir Ferreira (1977) e Cerqueira (2011).

1977). Também aqui temos um livro em que o incesto aparece como uma possibilidade não consumada.

O ROMANCE HISTÓRICO DE CAMILO

Voltemos às obras que aqui nos interessam. Alexandre Cabral, refletindo sobre os romances de Camilo, considerou que ele “foi (...) um repórter do seu tempo” (Cabral, 1984, p. 25). Concordamos com o crítico, mas pensamos que esta característica, em seus romances históricos, é acompanhada de uma outra: a de um narrador que pretende questionar, de diferentes formas, a história. Sobre este aspecto, Gregory MacNab notou que:

[Camilo] dirige a atenção tanto à sua voz narrativa e ao seu artefato criado como ao passado que supostamente aspira a recuperar. (...) no romance histórico dele, o impulso à recuperação vem frequentemente mitigado por uma (sub)consciência da existência de obstáculos a esta recuperação. (...) Dessa perspectiva, os romances de Camilo contestam o impulso totalizante do romance histórico da sua época. Na definição do campo histórico, a falta de detalhes de ‘cor local’ problematiza a capacidade evocadora do narrador. Na elaboração do discurso, a presença de lacunas explicativas encaixa uma descontinuidade no texto. E na procura de autorização, a utilização de fontes complica o estabelecimento de credibilidade (MacNab, 1993, p. 168-169).

Camilo construiria, assim, um romance em que se *desconfia* da possibilidade de se recuperar o passado, que, ao mesmo tempo, apresenta um discurso fragmentado, em que a aparente reprodução desse passado parece problemática, necessitando de fontes que a comprovem. Fontes que, não necessariamente, chegam a *convencer* o leitor. MacNab nota que, em *O santo da montanha* (1986e), após narrar o assassinato da personagem Mécia, o narrador comprova a veracidade do narrado utilizando “um documento, que ele data de

1719 e atribui a um jurisconsulto” (MacNab, 1993, p. 170). Vejamos o que, em seguida, afirma o narrador do romance:

logo voltaremos a consultar o sábio jurisconsulto. [...] Por enquanto, fique provada a veridicidade, que não já a verossimilhança da história, e assim confundida a descrença do leitor – louvável descrença, até certo ponto; porque nos casos monstruosos de crimes perversíssimos, a repugnância em crê-los é indicativa da bondade de nossa índole, maiormente se os criminosos são portugueses. Nas bestas-feras que os novelistas de França nos descrevem, nessas cremos, são naturais, são pintadas do natural. Portuguesas não nas há; quer o nosso pacífico gênio que as não haja (Castelo Branco, 1986e, p. 1195).

Se temos aqui uma crítica implícita às concepções de seus leitores, tópico que encontramos em várias narrativas do autor, a presença deste mote num romance histórico possibilita outras reflexões. Assim como a visão de seus leitores depende de sua perspectiva do que seria ou não verdadeiro ou verossímil, podemos pensar que isso também ocorre com as narrativas históricas. As formas como os acontecimentos do passado são narrados, seja num texto histórico, seja num romance, dependem necessariamente da perspectiva de seu narrador.

O resumo presente em um capítulo de Luciene Marie Pavanelo sobre *O senhor do paço de Ninães* (1987) pode ser útil para avançarmos em nossas reflexões.

Para muitos críticos e escritores portugueses do século XIX, a presença de um olhar nostálgico sobre as glórias do passado nacional era o fator que definia a qualidade de um romance histórico. Ao nos depararmos com a produção de Camilo Castelo Branco, contudo, percebemos a ausência dessa perspectiva ufanista, o que torna o romance histórico camiliano bastante distinto das expectativas de leitura em voga no período. É nosso intuito neste ar-

tigo analisar o romance *O Senhor do Paço de Ninães*, publicado em 1867, procurando mostrar que, se há nele uma recusa do nacionalismo, essa recusa pode estar relacionada a um olhar mais crítico do autor sobre a sua sociedade: se o presente oitocentista é decadente, não necessariamente encontraríamos a grandeza no passado (Pavanelo, 2020, p. 42).

São pertinentes as reflexões apresentadas, que demonstram a *peculiar forma* como Camilo *olha* para o passado de Portugal. A partir delas, podemos pensar que esta postura camiliana se opõe à perspectiva de Alexandre Herculano, presente na introdução de *O bobo* (1878), que abaixo reproduzimos:

pobres, fracos, humilhados, depois dos tão formosos dias de poderio e renome, que nos resta senão o passado? Lá temos os tesouros dos nossos afetos e contentamentos. Sejam as memórias da pátria, que tivemos, o anjo de Deus que nos revoque à energia social e aos santos afetos da nacionalidade. Que todos aqueles a quem o engenho e o estudo habilitam para os graves e profundos trabalhos da história se dediquem a ela. No meio de uma nação decadente, mas rica de tradições, o mister de recordar o passado é uma espécie de magistratura moral, é uma espécie de sacerdócio. Exercitem-no os que podem e sabem; porque não o fazer é um crime (Herculano, 1878, p. 13).

Não podemos saber se Camilo poderia concordar integralmente com a perspectiva de habitar uma nação *decadente*, mas com certeza não acharia que “o mister de recordar o passado é uma espécie de magistratura moral” (Herculano, 1878, p. 13). Louvar o passado é, no fundo, falsificá-lo. Podemos pensar que, para Camilo, o passado precisa ser interpretado, revisitado de forma crítica, para que possam ser explicitadas as mazelas que lá existem, para que ele não se transforme numa espécie de fuga idealizada para a pretensa pequenez presente. Esta mesma visada crítica encontraremos, de forma clara,

nos dois romances que aqui nos interessam, *O judeu* (1986c) e *O olho de vidro* (1986d). Mas neles não serão as conquistas ultramarinas que serão criticadas, mas a *nódoa negra e fúnebre do clero*, representada por *ermos inquisidores severos*. Ou seja, Camilo visitará “o turbilhão daqueles dois séculos nefastos que marcam o nosso opróbrio desde D. João III até ao marquês de Pombal” (Castelo Branco, 1986c, p. 635).

Como não é possível saber se os leitores deste texto conhecem as duas obras que aqui abordaremos, pensamos ser necessário fazer um breve sumário de seus enredos. No caso da primeira, centraremos nossa atenção, em especial, no papel que nela ocupa a inquisição.

SEVEROS INQUISIDORES

O enredo de *O judeu* (1986c) aborda duas gerações, a de Antônio José da Silva e a que o precede. Na primeira, é dado mais destaque para a família da personagem que será sua esposa, Leonor. A trama, intrincada, exige um resumo detido, para poder ser melhor entendida.

Jorge, neto de Luís Pereira de Barros, apaixona-se por uma criada deste, Sara, que o avô havia protegido quando os pais dela foram queimados num auto de fé. Odiado pela mãe, D. Francisca, mas protegido pelo avô, após várias peripécias, Jorge consegue salvar Sara, que sua mãe tentou que fosse encarcerada pela Inquisição, e com ela se casa. Fogem para a Holanda. O avô, nesta época, já havia falecido, mas havia deixado com o seu neto um anel em que estava indicado o local em que ele havia enterrado um tesouro: uma fonte com uma estátua de Netuno, no jardim de seu palácio de Bemposta.

Jorge e Sara prosperam na Holanda. Vão, depois, para o Brasil, onde residiam parentes de Sara – João Mendes da Silva e Lourença Coutinho. Lá, Lourença e Sara combinam que se esta tiver uma filha, ela se casará com Antônio, o filho mais novo de Lourença. Jorge e sua esposa retornam para Amsterdam, Sara tem uma filha, Leonor, e, tempos depois, são avisados que toda a família de Lourença havia

sido encarcerada pela Inquisição no Rio e enviada para Lisboa. Resolvem voltar para Portugal, para tentar ajudar os amigos. Lourença fica vários meses presa, mas, por fim, todos são libertos.

A calma não dura muito, pois descobrem que a Inquisição pretende encarcerar Sara e Jorge, este por ter casado com uma pretensa judia, o que os obriga a voltar para Amsterdam. Nos anos seguintes, Antônio se forma em Coimbra, mas, em função de uma discussão que teve com um nobre, acaba por ser preso pela Inquisição. Para ser solto, precisa abjurar as doutrinas do dogma judaico. Quando Jorge falece, Sara e Leonor resolvem voltar para Lisboa. E, após várias peripécias, Antônio e Leonor se casam⁴. Antônio José da Silva torna-se um autor teatral importante, suas comédias fazem muito sucesso, o que incomoda a Inquisição, que planeja encontrar uma forma de encarcerá-lo. Será um amigo de infância de Antônio, Duarte Cotinel, que sabia da existência do tesouro e que pretendia dele tomar posse, que acabará por fornecer aos inquisidores o que eles precisavam. Duarte fará com que Antônio desenterre o tesouro. Por outro lado, protege uma escrava que havia fugido da casa de Antônio José e acaba por convencê-la a ir à Mesa do Santo Ofício para denunciar seus amos, afirmando que eles tinham, no ambiente privado, práticas judaicas. No momento em que são presos, Duarte faz com que Antônio o deixe guardar o tesouro e, em seguida, foge com a fortuna.

Antônio José morre num auto de fé. A sua mãe e a sua esposa são presas, mas, em pouco tempo, a Inquisição descobre que tudo fora tramado por Duarte, e soltam Leonor. Ela e sua filha emigram para a Holanda. Duarte, em 1753, volta para Portugal, simulando ser um

⁴ Não temos aqui o espaço necessário para abordar as relações entre o Cavaleiro de Oliveira, Antônio José e Leonor. Essa, antes de se casar, havia se apaixonado pelo primeiro, que era amigo de Antônio.

espanhol, e morre, soterrado, durante o terremoto de Lisboa, dois anos depois. O livro termina com a volta de Leonor e sua filha, então casada e com duas filhas, para Portugal.

O enredo condena explicitamente o Santo Ofício, responsável por prisões e mesmo por mortes arbitrárias. Trata-se de um tribunal que, ao longo de todo o romance, é manipulado, seja por pessoas influentes – como a mãe de Jorge –, seja por oportunistas – como Duarte. Além disso, mostra que os cristãos novos não tinham nenhuma segurança. Os mais ricos, como as principais personagens do livro, ainda poderiam ter a possibilidade de fugir. Já os mais pobres provavelmente seriam queimados, como ocorreu com os pais de Sara e os de uma personagem que não citamos, o avô de Jorge. Se Antônio José teve o mesmo destino, foi necessária a construção de uma cilada para que isto ocorresse, que, quando descoberta, possibilitou a liberdade de Sara.

As críticas à Inquisição presentes neste livro são diversificadas e diferentemente elaboradas em *O olho de vidro* (1986d). A narrativa começa em 1692, momento em que Antônio de Sá procura o seu amigo Francisco Luís de Abreu. Ambos são cristãos novos. O primeiro havia se apaixonado pela futura morgada de Carrazedo, Maria Cabral, e os dois foram obrigados a fugir em função da oposição do pai dela. Enquanto estavam escondidos, Maria havia tido um filho, e Antônio pede a seu amigo que o ajude financeiramente, para que ele e sua amante possam fugir de Portugal, e que fique com seu filho, até o momento em que possa retornar. Francisco aceita e batiza o menino com o nome de Braz. Antônio e Maria fogem.

Um ano depois, Francisco se casa com Francisca Rodrigues de Oliveira, também cristã nova, e os dois levam Braz para a sua casa. A última notícia que Francisco teve de Antônio foi uma carta de 4 de outubro de 1694, de Marselha, em que este afirma que está embarcando para uma colônia francesa. Durante três anos, ele não tem

mais notícias, e sua esposa pensa que, talvez, o casal tenha morrido. Um amigo, também hebreu, Francisco de Moraes, foi a França e descobriu que Antônio de Sá havia sido convidado para ser médico no Canadá, e que o navio em que havia embarcado provavelmente teria naufragado nas costas de S. Domingos. Francisco Luís conclui que o amigo havia morrido, e está disposto a assumir Braz como se fosse seu filho. Poucos anos depois, porém, é avisado que a Inquisição pretende prendê-lo. Ele transfere seus bens para o estrangeiro e pede que Francisco de Moraes fique com Braz. Este aceita. Ele tinha acabado de trazer seu filho mais velho, Heitor, da Holanda, com o objetivo que estudasse em Coimbra. É Heitor que vai buscar Braz, e os dois vão para Vila Flor, onde residiam Francisco de Moraes e sua mulher. Todos ficam lá morando por quatro anos, quando Heitor vai para Coimbra e leva consigo Braz, que entra no colégio de S. Paulo a estudar latinidade. Quando Heitor estava no terceiro ano, sua mãe morre, e o pai vai morar com ele. Num momento em que estava muito doente, e talvez morresse, Francisco recusa-se a receber os sacramentos. A inquisição já desconfiava da família, Heitor é preso e queimado num auto de fé. Quando está indo em procissão para a fogueira, o pai, Francisco, encontra-o e se suicida.

Braz, que era um excelente aluno, continua estudando a expensas do colégio. Aos quinze anos, matricula-se no curso de medicina. No terceiro ano, numa briga com outros alunos, perde o olho direito. Em 1714, torna-se licenciado em medicina e adota o nome Braz Luís de Abreu, pois o havia encontrado escrito num abecedário que possuía. Foi médico primeiro em Viseu, depois em Lisboa. Neste momento, começou a usar um olho de vidro. Transfere-se, então, para o Porto. Foi nesta cidade que o procurou, para ser por ele tratada, D. Antônia da Piedade, acompanhada de sua filha, D. Josefa de Maria e Castro. D. Antônia falece em novembro de 1718, mas antes abençoou

o casamento de sua filha com Braz. O casal terá cinco filhas e dois filhos. Braz enriquece, torna-se familiar do Santo Ofício.

Até este momento, a narrativa havia sido feita seguindo basicamente a trajetória de Braz. Assim, das demais personagens, o leitor nada sabe. Neste momento a perspectiva muda, e passamos a conhecer qual foi a trajetória de Francisco Luís de Abreu, que havia fugido de Portugal com sua esposa há 34 anos. Após passar por Goa, Francisco se estabelece por dois anos em Coxim e, em seguida, emigra para a Holanda. Tenta descobrir o destino de Braz, mas não encontra nenhuma pista. A sua esposa morre em 1730. Francisco viaja, então, por vários países, acabando por chegar a Portugal onde simula ser um espanhol. Acaba, por acaso, por encontrar um colega de faculdade, José Barredo. Este, a quem posteriormente revela a sua identidade, conta-lhe que havia visto Maria Cabral, que voltara a Portugal com uma filha, e o havia procurado. Estava doente e foi procurar um médico famoso, o Olho de Vidro, que não pôde salvá-la, mas que casou com sua filha, D. Josefa, tendo posteriormente se mudado para Aveiro. Para o leitor fica claro que o referido médico, sem o suspeitar, havia se casado com a sua irmã.

Francisco Luís consegue se aproximar da família, instaurando-se, assim, uma terceira parte da narrativa, em que o foco narrativo seguirá, ao mesmo tempo, Francisco e Braz. Este conta ao primeiro o que sabe da história de sua falecida sogra. Quando naufragou o navio em que Antônio e sua família – Josefa já havia nascido – iam para o Canadá, eles conseguiram se salvar em um bote, mas foram capturados pelos flibusteiros. Antônio de Sá passou a ser escravo do capitão e, depois, do governador da Martinica, Duparquet⁵. Como

⁵ Se a escravidão é um tema frequente nos romances camilianos, como já indicamos (Oliveira, 2023), apenas em *O olho de vidro* (1986d) e em *O santo da montanha* (1886e), ambos publicados em 1866, encontramos escravos brancos.

era médico do governador, ele conseguiu que sua filha fosse enviada para estudar na França, mas continuou escravo até morrer. Será depois de sua morte que Maria conseguirá encontrar a filha e, com ela, voltar para Portugal.

Conversando somente com Braz, Francisco descobre que ele é o menino que havia sido deixado com seu amigo Francisco de Moraes, o que o leva a descobrir o que o narrador qualifica como *o segredo horrível*. Fica em dúvida se deve ou não revelar a origem de Braz, mas opta por o fazer. Ao saber do segredo, Braz resolve que ele e toda a sua família entrarão em ordens religiosas. Graças ao apoio de D. João V, a quem contou a sua história, Braz consegue transformar o conservatório de S. Bernardino, em que sua esposa e suas as filhas tinham entrado, em um convento, ordena-se e passa a ser o clérigo do estabelecimento. Primeiro a esposa e, depois, três de suas filhas acabam por morrer. Os dois filhos entram em ordens religiosas, o mais velho para a companhia de Jesus, o mais novo para a ordem de S. Domingos. Francisco Luís, que passou a viver numa aldeia a uma légua de Aveiro, não só tenta, sem sucesso, demover os filhos de Braz destes propósitos, como insiste com o pai que deixe levar as filhas que ainda vivem para longe, também sem conseguir que isto ocorra.

As duas freiras que sobreviveram acabam por fugir, acompanhando dois irmãos, filhos de um fidalgo. Depois de irem para o Vaticano e conseguirem anular os votos, com eles se casam. As duas odeiam seu pai, que “atirara com sua mãe e irmãs, vivas, novas e formosas, ao sepulcro de um convento” (Castelo Branco, 1986d, p. 820). Francisco Luís morava numa ermida “desprovida da mais trivial mediania” (Castelo Branco, 1986d, p. 808) e era querido pela população à sua volta pois todas as semanas dava aos pobres “esmolas que lhes bastavam à alimentação parca da semana” (Castelo Branco, 1986d, p. 808). Ele morre em 1740, sem aceitar, como Braz queria, converter-se ao cristianismo. Braz Luís de Abreu só virá a morrer em 1756.

Podemos notar que a crítica ao Santo Ofício ganha aqui outras características. Não se trata apenas de se referir à perseguição aos cristãos novos, como em *O judeu* (1986c). Aqui, a instabilidade causada pela Inquisição faz com que as personagens possam perder a sua identidade. Antônio de Sá, ao fugir da Inquisição, acaba por se transformar em escravo branco dos flibusteiros. Antônio Braz, que desconhece a sua ascendência hebraica, é um cristão que chega mesmo a ser familiar do Santo Ofício. Ele se casa com sua irmã, que sabe ser judia, e faz com que esta se converta ao cristianismo. Ao descobrir o *segredo horrível*, reage como um cristão e obriga toda a família a entrar na vida religiosa. Seus dois filhos entram em ordens religiosas, um deles, Pedro, na de S. Domingos, opção sobre a qual Francisco Luís fará o irônico comentário: “este Pedro já não virá a tempo de me queimar... nem eu lhe deixo filhos ou netos, cujos ossos lhe sirvam de degraus para escalar a bem-aventurança dos carnífaces... Se o avô deste menino se lembraria de que um seu neto seria frade dominicano!...” (Castelo Branco, 1986d, p. 806). As identidades são apagadas, transmutadas, incertas. Os efeitos do Santo Ofício podem ser muito mais profundos e perniciosos que em *O judeu* (1986c). *Os dois séculos nefastos*, referidos por Camilo, mostram uma faceta da história portuguesa que precisa ser revisitada, para ser melhor compreendida.

Fizemos, aqui, um breve percurso, analisando de forma rápida principalmente dois romances históricos de Camilo Castelo Branco. Pensamos que pudemos mostrar que seria necessário estudar com mais detalhe as narrativas com estas características, pois, mesmo que sejam minoritárias na produção camiliana, podem nos permitir compreender a forma peculiar como o autor tratou a história de seu país.

RECEBIDO: 20/06/2024

APROVADO: 12/07/2024

REFERÊNCIAS

CABRAL, Alexandre. O “brasileiro” na novelística camiliana – delineamento para um estudo. *In: MOURÃO-FERREIRA, David et al. Afecto às letras*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984. p. 23-32.

CASTELO BRANCO, Camilo. *A enjeitada*. *In: CASTELO BRANCO, Camilo. Obras completas*. vol. V. Porto: Lello & Irmão Editores, 1986a. p. 181-364.

CASTELO BRANCO, Camilo. *Anátema*. *In: CASTELO BRANCO, Camilo. Obras completas*. v. I. Porto: Lello & Irmão Editores, 1982. p. 1-287.

CASTELO BRANCO, Camilo. *A sereia*. *In: CASTELO BRANCO, Camilo. Obras completas*. v. V. Porto: Lello & Irmão Editores, 1986b. p. 365-684.

CASTELO BRANCO, Camilo. *Luta de gigantes*. *In: CASTELO BRANCO, Camilo. Obras completas*. v. XI. Porto: Lello & Irmão Editores, 1990. p. 795-970.

CASTELO BRANCO, Camilo. *O judeu*. *In: CASTELO BRANCO, Camilo. Obras completas*. v. V. Porto: Lello & Irmão Editores, 1986c. p. 365-684.

CASTELO BRANCO, Camilo. *O olho de vidro*. *In: CASTELO BRANCO, Camilo. Obras completas*. v. V. Porto: Lello & Irmão Editores, 1986d. p. 685-832.

CASTELO BRANCO, Camilo. *O santo da montanha*. *In: CASTELO BRANCO, Camilo. Obras completas* v. V. Porto: Lello & Irmão Editores, 1986e. p. 1027-1219.

CASTELO BRANCO, Camilo. *O Senhor do Paço de Ninães*. *In: CASTELO BRANCO, Camilo. Obras completas* v. VI. Porto: Lello & Irmão Editores, 1987. p. 171-332.

CERQUEIRA, Rodrigo. Por que *O filho do pescador* não vingou: uma tentativa de explicação histórico-literária. *Revista de língua & literatura*, v. 13, n. 20, p. 125-149, ago. 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Teixeira e Sousa: “O filho do pescador” e “As fatalidades de dous jovens”. *In: SOUSA, Antônio Gonçalves Teixeira e. O filho do pescador*. São Paulo - Brasília: Melhoramentos - INL, 1977. p. 5-26.

HERCULANO, Alexandre. *O bobo*. Lisboa: Viúva Bertrand, 1878.

HOGAN, Alfredo. *Mistérios de Lisboa*. Lisboa: Tipografia de Luiz Correa da Cunha, 1851-1852.

MARINHO, Maria de Fátima. A atracção do abismo. *Revista da Faculdade de Letras Línguas e Literaturas*, Porto, XI, p. 215-227, 1994.

MCNAB, Gregory. Camilo e a problematização do romance histórico. *Luso-Brazilian Review*, Madison, v. 30, n. 1, p. 167-173, 1993.

OLIVEIRA, Paulo Motta. A escravidão africana nos romances de Camilo: algumas pistas. *Olho d'água*, São José do Rio Preto v. 15, n. 1, p. 69-87, jan.-jun. 2023.

PAVANELO, Luciene Marie. O castigo de Camilo à soberba cega de uns bárbaros que se arregimentavam com a cruz na avançada: nação e colonialismo em O Senhor do Paço de Ninães. In: PAVANELO, Luciene Marie; OLIVEIRA, Paulo Motta. *O romance histórico de Camilo Castelo Branco: O senhor do paço de Ninães e outros escritos*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2020. p. 42-60.

QUEIRÓS, Eça de. *Os Maias*. In: QUEIRÓS, Eça de. *Obra completa*. v. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 1035-1542.

SOUSA, Antônio Gonçalves Teixeira e. *O filho do pescador*. São Paulo - Brasília: Melhoramentos - INL, 1977.

VERDE, Cesário. *Obra completa de Cesário Verde*. Lisboa: Livros Horizonte, 1983.

MINICURRÍCULO

PAULO MOTTA OLIVEIRA é Professor Titular da USP, bolsista do CNPq, pesquisador associado do CREPAL, membro do Conselho Consultivo da Cátedra Camilo Castelo Branco (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/Município de Sintra) e do grupo de pesquisa Camilo Castelo Branco (CNPq). Pesquisa, principalmente, a literatura portuguesa do século XIX e do início do XX, e as relações entre esta e as literaturas de língua portuguesa, a literatura francesa e a espanhola.